

O paraíso artificial da oligarquia

Imaginemos uma cidade ideal — uma cidade de sonhos, que seria utópica, se não existisse — onde se concentram todos os poderes de uma nação, e onde, protegidos de coisas tão desagradáveis e distantes quanto aglomerações humanas, greves, comícios, poluição, desemprego e crise, uns poucos homens — seis, talvez — se reúnem numa pequena sala, em nome de algumas poucas centenas de outros, para decidir os destinos de 120 milhões de pessoas.

Nesta Cidade fantástica, um oásis, cheia de vidros, espaços vazios, tranquilidade — um convite à meditação —, os salários são os mais altos do mundo, a semana tem apenas três ou quatro dias, ninguém presta contas a ninguém de seus erros e a vida é uma festa permanente. As vezes, claro, chega o tédio — o terrível tédio que sucede a todos os sentimentos exagerados — mas aí sempre há o recurso das viagens a qualquer parte do globo, com passagens gratuitas ou em jatinhos individuais.

As notícias relatando crimes, linchamentos, passeatas, fome, tragédias ecológicas, comícios-monstros e outras atrocidades chegam a este paraíso como se se referisse a um triste e problemático país distante — e geralmente magoam ou irritam aqueles seis homens e suas centenas de auxiliares: ministros, militares, diplomatas, o inflado corpo de tecnocratas e assessores quase sempre perplexos diante dos jornais e da TV.

Habituaados a se mover neste asséptico paraíso, os habitantes da Cidade não compreendem os gritos histéricos daquela insólita massa de indivíduos que surge nas telas de TV exigindo coisas tão absurdas e inoportunas como eleições diretas-já, democracia plena, prosperidade. O que se passa naquele país? — perguntam-se às vezes, cheios de mágoa e espanto.

Pois, afinal, nesta Cidade ordeira e pacata só se pode ver gente reunida e — disgusting — berrando, nas câmaras amplas de um recinto que se chama Congresso, e que foi feito, parece, exatamente para isso: para que os representantes daquelas pessoas do país distante liberem suas tensões gritando uns com os outros. São 548 senhores, e ainda bem que seus gritos não chegam lá fora.

As vezes — nada é perfeito neste mundo instável — surgem indícios de que a tranquilidade do paraíso vai ser afetada. Quando, por exemplo, chegam notícias de que os selvagens habitantes daquele outro país estão organizando caravanas e marchas na direção da Cidade. Horror dos horrores: tais caravanas pretendem chegar às portas do lugar que se chama Congresso para perturbar a sagrada paz dos 548 senhores.

E aí se tomam providências tão rápidas e repentinas quanto eficazes:

aqueles seis homens se reúnem, analisam as informações sobre a perspectiva de invasão e, primeiro, avisam que a paz da ilha não será perturbada; depois, cercam-se de providências mais enérgicas, decretam medidas de emergência, fazem soar as sirenas, erguem muros em torno da Cidade e protegem-se fortemente contra os bárbaros. E então, aliviados, suspiram: a paz foi mais uma vez preservada.

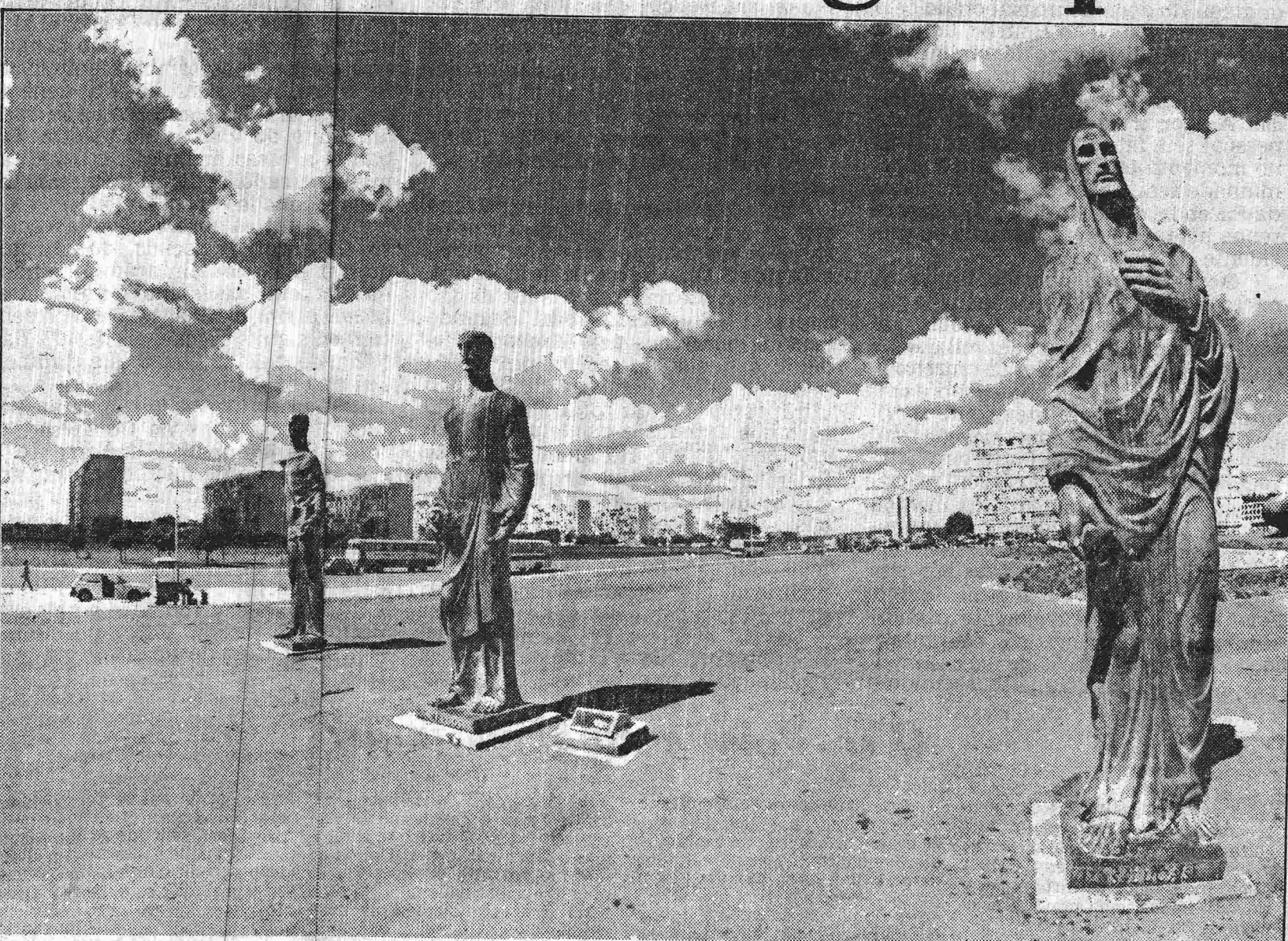
A gente que vive nesta Cidade reside em casas com piscinas ou em confortáveis apartamentos envidraçados. Os mais próximos dos seis Chefes — os favoritos da Corte — desfrutam de regalias bem mais amplas: automóveis, combustível, moradia gratuita, comida abundante pela qual não se precisa pagar, viagens constantes a qualquer país do planeta e nenhuma obrigação de prestar contas de seus atos aos 120 milhões de pessoas que vivem isoladas no outro país, embora sejam elas as responsáveis pelo pagamento de tantas despesas.

Não se creia, porém, que não haja ligações até bastante íntimas entre a gente da Corte e a gente daquele país distante. Não: eles estão sempre recebendo pessoas que vêm daquela região miserável e agitada e, em seus luxuosos gabinetes, alguns deles entabulam com tais visitantes alguns negócios muito especiais — negócios secretos, de interesse mútuo — e eles sempre se irritam, indignados, quando os jornais do outro país revelam tudo e — pior — referem-se aos negócios como "negociatas" e a seus realizadores como membros da Colisa Nossa.

Ainda bem que as investigações nunca vão adiante e, de maneira geral, os personagens dessas espetaculosas negociações continuam negociando, para o conforto dos que vivem na Cidade ou, no outro país, dependentes dela. E todos então festejam a boa sorte, a maravilha que é viver assim, a salvo da intempérie, da insegurança e da pobreza.

As festas da Corte são belíssimas. Elas se realizam dentro de palácios ou a beira de um grande e pacífico lago artificial, ou ainda entre as paredes espelhadas de um recinto que se chama exatamente Corte. Ali dentro, embalados pelo álcool e pela música, autoridades, políticos, aventureiros, homens de negócios, mulheres e jogadores se enfrentam, amáveis e ferinos ao mesmo tempo. Pois a disputa entre eles é acirrada e nem sempre leal.

Pode-se descobrir então, freqüentando as solenidades, as festas e os bastidores da Corte, que a felicidade dessa gente é apenas aparente. Os prediletos da Corte não são muitos e só quem está bem próximo do Chefe ou de seus auxiliares imediatos pode considerar-se quase inteiramente feliz. Por isso a luta para chegar perto do Chefe ou de seus mais íntimos favoritos é angustiante e cruel.



Não era para ser assim, mas a cidade acabou abrigando uma elite que se encastelou, solitária, dentro e em torno do poder

Foto Adão Nascimento

A ILHA DA FANTASIA



Por LUIZ FERNANDO EMEDIATO
Enviado especial

essa paisagem instável e cheia de intrigas, às vezes um favorito cai em desgraça, e então — suprema humilhação — só lhe resta o ostracismo e até a expulsão do paraíso. Geralmente ele não se acostuma com o retorno à vida miserável e apagada naquele outro país e em certos casos até se alia às forças que tramam, abertamente ou não, a derrocada da Corte.

E é aí que as coisas se complicam. Os membros da Corte, desde o mais alto até o mais subalterno, sabem que sem a Corte suas vidas serão anônimas e mesquinhas e, então, adeus mordomias, adeus privilégios, adeus alegria. Adeus, poder. Por isso, eles reagem violentamente quando se sentem ameaçados.

Aqui, um justo parêntese: seria temerário afirmar que este é um comportamento geral. Não: existem na Corte algumas pessoas que até concordariam em perder seus privilégios, desde que isso não aconteça abruptamente. Outros consideram mais seguro aguardar um tempo mais largo, para que possam queimar seus arquivos — os sinais de que eventualmente se cometeram na Corte algumas aberrações. Outros, finalmente, não querem abrir mão jamais de seus privilégios.

Por isso a Corte é também, no fundo de sua aparência tranquila, um lugar dividido e com terríveis conflitos internos. Isso deixa o Chefe horrivelmente angustiado e tenso, quando não desencantado, pois eventualmente ele se julga incompreendido e injustiçado. Afinal, foi no seu reinado que realmente se estabeleceu o que se chamou abertura, e aquele país pôde conhecer muitos dos mistérios da Corte.

Houve um tempo, por exemplo, em que o Chefe se revelou diante daquele país como um homem comum e honesto, que atendia pelo simples nome de João e jurava mudar o rosto da realidade. Mas parece que alguns de seus auxiliares não gostaram muito da idéia e nos últimos tempos as pesquisas de opinião pública revelam um João cada vez mais antipático, malquisto e solitário.

Um dia, finalmente, o Chefe pareceu entender o que acontecia naquele outro país e encheu-se de irritação, desencanto, mágoa e tédio. Numa de suas audiências com um daqueles 548 senhores do Congresso, desinteressou-se da conversa vazia e sem perspectivas e permaneceu vários minutos perseguindo com os olhos um mosquito que zanzava pela sala do seu palácio.

O Chefe estava muito chateado naquele dia e para ele a vida era um imenso fardo. Mas, quando conseguiu aprisionar o mosquito entre os dedos e esmagá-lo, seus olhos brilharam de felicidade. E então — assim dizem as testemunhas —, ele sorriu. O Chefe não sorria há muito tempo e a notícia espalhou-se por todo o palácio. Auxiliares solícitos trataram de espalhar a boa nova.

Mas por que o Chefe sorriu? — perguntavam os auxiliares da Corte. Porque venceu um mosquito, respondiam os outros alegremente, contagiados de emoção. Era sua primeira vitória depois de uma sucessiva série de derrotas. Mas o delírio durou pouco — era apenas um mosquito — e tão logo o palácio recuperou a razão o Chefe encheu-se novamente de mau-humor e desgosto.

E aí começou a circular o boato — a Corte é pródiga de boatos — de que o Chefe se enfadara do poder e, cheio de amargura, recolheu-se à granja onde vive há 14 longos anos, com seus cavalos e hortaliças: sempre a mesma rotina, da granja para o palácio, do palácio para a granja, da granja para o Rio. A Corte entedia o Chefe e ele já confidenciou a alguns amigos que não vê a hora de deixar tudo isso para cuidar só da sua vida.

Eis o que ele disse uma vez, há quase cinco anos: "Esse lugar me deixa angustiado porque a gente não vê movimento, não pode andar pela rua. Eu queria andar assim pela rua do Ouvidor, ver gente e movimento. Aqui, ou a pessoa se diverte em clube ou em grupos. As vezes chego em casa e já tem alguém lá e me diz: 'Ah, eu não tinha o que fazer, vim para cá bater papo'".

Os auxiliares da Corte preocupam-

se com esse soturno estado de alma e tudo fazem para que ele não se agrave. O Chefe é terrível quando explode: ameaça prender, arrebentar ou, em última instância, entregar tudo ao Pires — um de seus grandes amigos. Quando os habitantes da Corte sabem disso, estremecem de preocupação.

Pois, afinal, a vida na Corte vai muito bem assim e qualquer perspectiva de trauma e mudança é razão para temor e angústia. Mas logo tudo se acalma e a festa continua. Aquele outro país, afinal, está distante e não faz parte de suas vidas, pensam eles, certos de que, assim posto, sempre será mais fácil resolver os conflitos internos do paraíso. Mas há quem pense que se enganam — e aí as coisas novamente se complicam.

Numa das superquadradas da Cidade, um velho bruxo que um dia pertenceu ao mais alto escalão da Corte recusa-se a adivinhar o futuro imediato e, cobrindo com as duas mãos sua bola de cristal, admite, desolado, que já não pode prever com segurança o curso dos acontecimentos. E, lembrando um secular evento histórico, ele diz:

— Por enquanto, não há como decifrar esses enigmas. Enquanto nada se define e a névoa não se esvaí, é melhor nos divertirmos então com essas filigranas do Baile da Ilha Fiscal.

Se o Bruxo tiver razão, isso significa que o futuro da Corte é inseguro e incerto, mas como a tranquilidade da Cidade de Vidro cegou seus habitantes, eles continuam festejando, enquanto, naquele outro país, forças novas e imprevisíveis aumentam e avançam na direção do isolado paraíso artificial.

Essa insensibilidade, essa fantasmagórica propensão para o delírio torna a Corte muito mais fascinante para quem pretende descobrir como ela funciona, quais são suas leis, seus costumes, seus segredos. Pois visitar a Corte é algo assim como fazer turismo num país exótico onde até as leis são outras, e tão peculiares que muitas vezes significam o contrário do que as mesmas leis significam no outro país.

Eis, aí, então, esta Cidade — a Corte. Vamos visitá-la.

